

## AMOR E GRAÇA EM CLARICE LISPECTOR – O ENAMORAMENTO, A CRIAÇÃO DE SI NO ATO DE DESAPARECER PELO ENCONTRO

Gabriel de Castro Augusto Alvarenga  
[gabrielcastroaugusto@gmail.com](mailto:gabrielcastroaugusto@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9894980177386784>

### RESUMO

Em uma confabulação entre os estudos de Michel Foucault e Deleuze & Guattari, buscamos pensar a produção de subjetividade no contemporâneo e como interferir nesse processo por meio da arte. Pela idéia de biopolítica e produção subjetiva homogênea de nossos autores, buscamos pensar como interferir nesses processos de modo a potencializar a criação e a diferença. Nossa proposta escolhe a literatura de Clarice Lispector como intercessora em nosso pensamento, atrelando a arte à vida, adicionando novas “performances” a conceitos como estética da existência de Foucault, e pensamento e agenciamento em Deleuze & Guattari. A arte como incitação à criação de novas interferências e modos de vida mais potentes frente aos processos de captura e constrangimento da vida em nosso contemporâneo.

**Palavras-chave:** estética da existência; criação; literatura, produção de subjetividade

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...

(LISPECTOR, 1977) 1

Um desabrochar em Clarice. Suportamos essa simples explosão? Olhamos a nossa volta, tocamos o entorno esse desabrochar pede mais, simplesmente mais. Onde se aloja essa potente indagação em um contemporâneo que tem a interferência e a replicação como marcas pungentes? Pelas brechas abertas na literatura de Clarice Lispector buscamos, enfim, não somente fomentar críticas, criar técnicas de intervenção, ou mesmo quebrar

---

1 Entrevista de Clarice Lispector para o programa *Panorama Especial*, da TV Cultura no ano de 1977. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGIInF4&feature=related>, acessado em 10/01/16. Frase do minuto: 7' 55"

palavras de ordem de nosso tempo. Tudo isso sim, mas, além disso, visamos o desabrochar dessa uma vida sem nome e imanente (DELEUZE, 1997b), a potência da criação dentro dos segundos ordinários como nosso ponto de mutação, e dela, Clarice, roubamos alguns procedimentos para tal. O enamoramento<sup>2</sup> como desencadear da criação na e da vida.

Dizemos de uma modernidade alquebrada, algo que se mostra ao mesmo tempo tecnológica e civilizada, erguida por sobre arcaísmos e endurecimentos seculares. Para pensar que humano vem se produzindo em nosso contemporâneo utilizamos o horizonte de Michel Foucault. Em suas diversas caracterizações do saber/poder como eixos de construção política e ética da realidade, Foucault indica no contemporâneo o surgimento da Biopolítica, que ele caracteriza com um exercício de poder que surge acoplada às formas disciplinares anteriores, mas que traz outros matizes para a dominação e relações coletivas, “em *fazer viver e deixar morrer.*” (FOUCAULT, 1999) na construção dessa nova forma de gerir o humano e a realidade com base no controle da vida. No contemporâneo, mais do que somente docilizar e padronizar o corpo do indivíduo, é a produção de formas de vida prescritas que entra em voga. Não mais só combater desviantes, mas sim o grande incentivo aos necessários para o sistema.

Dentro desse sistema, como, então, tocar e interferir esses/nesses modos de vida? Pensar pelo conceito de subjetividade trazido por Deleuze & Guattari é dar movimento de criação e recriação aos modos de vida atuais. Premer mais energia a cada ponto desse nó singular – a ver: linhas duras de produção hegemônica, discursos que nos transpassam e rotulam, experimentações maleáveis dentro da singularidade de cada modo de vida, o combate a esse modelo endurecido e cerceador por meio de experimentações de “fuga” em diversos meios, dentre outras aproximações potentes que dão ao real mais dimensões e camadas políticas de interação-produção (DELEUZE & GUATTARI, 1996). A subjetividade imersa num Capitalismo Mundial Integrado

---

<sup>2</sup> A noção de *enamoramento* se refere ao trabalho de dissertação de Mestrado em Psicologia do autor, onde, no encontro com o conceito de agenciamento por Deleuze e Guattari (Mil platôs 2), buscamos por meio de seus eixos (re)ativar a criação da vida, na inflexão do que Foucault nomeou de Estética da Existência. Tal noção de *enamoramento* será explorada no correr desse texto.

(GUATTARI, 1985) que empreende mais do que ecologias monetárias e naturais, muito de produção de subjetividades. Na esteira das formulações de Rolnik (2002), vislumbramos a enxurrada de subjetividades prontas para o consumo, onde o descarte e a reinvenção por bitolas cada vez mais homogêneas se tornam a forma de inclusão, deixando a faceta de singularidade e o traçado de modos de vida heterogêneos cada vez mais desinvestido. Durezas aos encontros e acontecimentos, fluidez extrema ao consumo e desaparecimento nas correntes da economia subjetiva.

Então, onde encontrar o momentum da produção de subjetividade que nos dê a oportunidade de agir? Como estabelecer conexões sem ser engolido pelas grandes correntes homogeneizantes ou mesmo restar nos esquecimentos endurecidos? Como, então, interferir e incitar a criação?

Levando a arte, em especial a literatura, para este questionamento buscamos acoplar sentidos outros sobre o processo artístico e objetos arte. Seguimos a noção de pensamento e de arte de Deleuze & Guattari (1992) definimos ciência, arte e filosofia como exercícios do pensamento – pensar este que dá ao questionamento das formas e à criação do novo. Esse pensar questionador – que difere de uma tradição cartesiana que atrela pensamento à razão – tem como elemento indispensável a diferença, definido por sempre “enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 253). O caos como as multiplicidades, e o pensamento a traçar possibilidades. E nesse pensar cada exercício lida com especificidades: a ciência trabalha na criação de funções; a filosofia na criação de conceitos; e a arte cria agregados sensíveis. Aqui encontramos caras aproximações de nossa proposta: interferir nos processos de subjetivação do contemporâneo por meio dum pensamento fomentado pela diferença, atrelando vida e arte em sua dimensão íntima – a criação.

Como principais apoios em nossa proposição temos: a noção e implicações do conceito de agenciamento em Deleuze & Guattari, e a indispensável discussão sobre ruptura no exercício de pensamento pela via da arte. Nossos autores rondam a subjetividade em sua heterogeneidade e mutação no intuito de cartografar toda a infinita complexidade de linhas confabuladas e vemos o agenciamento como superfície possível (e das mais

potentes) de ação. O agenciamento definido por Deleuze & Guattari (1995)<sup>3</sup> possui uma tetravalência, como faces indissociáveis, mas de características e definições distintas. Delimitam assim dois eixos de funcionamento, onde se localizam por sobre o eixo horizontal os segmentos *conteúdo* e *expressão*, e por sobre o eixo vertical partes de *territorialização* (e *reterritorialização*) e de *desterritorialização*. Quatro pontos em coengendramento e sem fronteiras muito fixas, mas que trazem elementos para pensar o encontro e as transformações/interações em processo.

A partir dos tais eixos de constituição do agenciamento buscamos alocar nossa análise, nosso *posicionamento estético*<sup>4</sup>. Se o agenciamento possui diferentes valências, nossa máquina insufla ares muito mais de valentia e combate. Daí a *tetravalentia*, pensar o agenciamento e seu funcionamento pelas dimensões ética, estética e política. Uma estética que se diferencia de estática, ênfase na criação e não nas formas estabelecidas, que reforce o agenciamento como ponto de toque, ação e grande potência. Fazemos um salto. Num “descascar” do agenciamento, substituímos a terminologia de nossos autores pelo nosso “jogo”. Sobre o eixo denominado por Desterritorialização-territorialização, propomos o eixo do *Enamorar*<sup>5</sup>, com suas extremidades substituídas por *Amor*, no lugar de desterritorialização, e *Graça*, sobre a extremidade da territorialização, as duas primeiras valências do posicionamento estético<sup>6</sup>.

---

3 A definição da tetravalência do agenciamento se faz quando os autores se debruçam sobre a lingüística. Aqui utilizamos seus eixos para explorar um pouco mais novos modos de ação no e com o agenciamento. Para maior aprofundamento das noções da tetravalência e suas discussões sobre conteúdo/expressão ir a Mil Platôs 2, tratados sobre a lingüística, Deleuze & Guattari (1995).

4 A noção de *posicionamento estético* surge no trabalho de dissertação de Mestrado em Psicologia do autor, num tensionamento da noção de posicionamento ético e análise política de realidade, adicionando aqui formas e criação de interferências na quebra de modos de vida estabelecidos. Mais do que uma nova conceituação, trata-se de por em funcionamento diversos conceitos de nossas referências e discussões, buscando dar passagem à potência disruptiva da arte e da vida.

5 Utilizamos a forma esquemática de apresentação do devir, formado pelo infinitivo devir aglutinando um substantivo (discussão realizada na segunda parte).

6 Em nosso trabalho de dissertação de Mestrado em Psicologia também construímos as outras duas valências referentes ao eixo Corpos-expressão, por Abraços-Armas respectivamente. Para maior aprofundamento em tal discussão, *Vida e arte: criação na borda, no balanço paradoxal*, 2012, disponível em <http://www.slab.uff.br/index.php/producao>.

## O *enamorar* como catalizador do agenciamento

Território, palavra muito utilizada ao se discutir pela via da filosofia da diferença. Palavra essa que nos vem com sentidos de forma, estabilização (momentânea que seja), de algo sobre o qual focamos nossa atenção. Um território pode configurar-se como um modo de vida, uma situação política, uma paisagem ou mesmo os conceitos sobre os quais balizamos nosso pensar. Tomemos essa possível junção entre o concreto e o abstrato que a palavra possui, quando Deleuze & Guattari apontam o movimento da arte que nasce quando “um animal adentra o habitat e recorta um território” (1992). Não buscamos fixação, um território é algo vivo, perene transformação e embate. Não sendo um bloco único, mas sim acontecendo em diversas direções e composições, os corpos estão sempre a se desterritorializar – quando quebram sua forma inicial encontrando outros corpos - e a criar novos territórios. O agenciamento ganha funcionamento, apontando processos infinitos de transformação, embate e recombinação – o movimento desterritorialização-reterritorialização em sua potência mutável. Por sobre este pólo pendente e dinâmico, instauramos nossas duas *poses*<sup>7</sup> clariceanas: a ferida do *Amor* e o estado de *Graça* respectivamente.

### Amor

E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 33)

Numa extremidade do eixo *enamorar*, no lugar da desterritorialização colocamos nosso *Amor*. Desterritorialização, ou “picos de desterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995b), apontam para os movimentos de dissolução ou esfarelamento das formas (conteúdo ou expressão) presentes em um agenciamento, sempre no sentido de graus ou quantas de devir, um processo contínuo de transformação. Interessante denominação dos autores: os picos de desterritorialização que arrebatam o agenciamento.

---

7 A palavra *pose* em seus vários usos: *pose* como jeitos do corpo para uma fotografia, posição, posicionamento, e também do francês *poser* (como propor uma questão, *poser une question*).

O desterro chamado de Amor pode parecer má colocação, mas buscamos apoio. Palavra que usualmente reboca afetos de completude, encaixe perfeito, e que por vezes confunde-se a uma concepção platônica de ideais e alturas; como denominar a desterritorialização como *Amor*?

Temos em Clarice (1994) notícias de que amor é esse. Há um conto do livro *Laços de Família* da autora que sempre perdurou em minha atenção, suscitando muito mais coisas do que só as frases que o teciam. No conto intitulado *Amor* temos uma personagem que, como ela diz, tem uma vida apaziguada e regrada – *Assim ela o quisera e escolhera*.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto de ônibus. (...) O que havia que fizesse Ana se apumar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... o homem cego mascava chicles. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 31 e 32)

E, numa tarde, há um encontro com uma cena que desestrutura não só seu dia, mas que se mostra com o poder de lhe questionar toda a vida. Do bonde ela vê um cego que masca chicles na calçada, e isso arruína sua estabilidade. A personagem Ana tem então uma tarde inusitada e diz dum mundo que se mostra muito mais cheio de possibilidades e sentidos que ela sempre tentou ensurdecer e cegar.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiros de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pela qual estava rodeada? Como por um zumbido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 35)

Após o choque, tudo se mostra em assalto plural de sentidos, em afirmações inimagináveis. A personagem fala de uma quebra que não há como cozer novamente, segue o dia sem muitos alardes, se fecha na noite cotidiana, mas algo perdura. O que sempre me intrigou foi exatamente o título do conto: *Amor*. Por que chamar de amor um conto que diz duma interferência completa? Clarice chama amor esse abismo que nos

desestabiliza. O assalto das possibilidades, dos novos sentidos que saltam de cada canto, cheiro, forma. Amor como um peito aberto para o plural indeterminado.

A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. (...) Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (...) A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo (...) O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno. (...) Fora atingida pelo demônio da fé. (...) Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 36, 37 e 38)

Deleuze recorre a uma denominação de amor durante suas obras por diversos momentos. Ao falar sobre Foucault e sua obra no texto *A vida como obra de arte* (DELEUZE, 1992), diz sobre a visão da subjetividade distanciada da figura de indivíduo sendo muito mais um campo elétrico ou magnético de intensidades. Seriam processos de individuação operando por intensidade chamada por vezes de *paixão*. Em outro momento denomina o amor como uma ferida recebida no corpo, substituindo o objeto do ser amado em uma *potência de amar* que liberaria o acontecimento e amaria-se, assim, não um indivíduo, mas *uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma neblina ou uma névoa de gotículas* (DELEUZE & PARNET, 2004, p 54).

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes altas. (...) E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 33e 34)

Busco outros que tocam essa ferida. Tibola (2009) descreve também um amor outro. Um amor pelo ar, pelas possibilidades, pelo mistério dos corpos. Descreve um amor que não se endereça, mas um amor pelo inapreensível longínquo e causticante que preme tudo. Amor que nos invade com um temor, um amor-abismo que nos arrebatava e faz bater os dentes. Fuganti (2008) nos dá pistas sobre uma vida nômade que deve ser liberada à suas potências, que deve amar o distante, as aventuras, o devir.

Em seus *Fragmentos de um discurso amoroso*, Barthes (1988) recolhe de múltiplas obras características do que se diz do amor. Abrindo seu glossário o autor encontra apaixonados em uma situação de abismo. Inicia seu livro com uma afecção amorosa que se instala sobre os amantes em vários momentos da história literária mundial. Barthes define assim o sentimento de “me abismo, sucumbo...”:

ABISMAR-SE. Lufada de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação. (...) Tenho então esta fantasia: uma hemorragia doce que não escorreria de nenhum ponto do meu corpo, uma consumação *quase* imediata, calculada para que eu tenha tempo de des-sofrer antes de desaparecer. (...) Não era o abismo um aniquilamento oportuno? Não seria difícil ler nele não um repouso, mas uma *emoção*. Disfarço meu luto sob uma fuga; me diluo, desmaio para escapar a esta compacidade, a essa obstrução, que me torna um sujeito *responsável*: saio: é o êxtase. (BARTHES, 1988, p 9, 10 e 11)

Delineamos uma extremidade de eixo vertical de nosso enamorar: a ferida do *Amor* que se faz como abertura de nosso território para as virtualidades, a marca do apaixonamento pelas intensidades a atravessar nossa segmentaridade, o processo incurável de *enamoramento* de nossa atualidade que assim torna-se friável pela linha de fuga amorosa. Amar algo que não tem rosto nem nunca terá. O *enamorado* não mais ligado a um objeto de desejo obscuro e discernível, essa pose que infringe nos indivíduos uma abertura, para as possibilidades e intensidades. Uma rachadura abrindo para um Fora, mas sem medo já, numa exaltação de paixão pelo desaparecimento da estabilidade aparente das subjetividades, pequena morte necessária para o processo transpassar-nos.

A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? (...) Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico. (...) E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 40 e 41)

## Graça

De meu próprio mal eu havia criado um bem futuro. O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não deixo guiar



pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade. (LISPECTOR, 1998, p 13)

A outra valentia do eixo *enamorar*, onde se localiza a territorialização, forjamos o que Clarice enunciou como *Golpe de Graça*. Nesse ponto localiza-se o fluxo em fugaz completude, instante de atualização em meio ao processo incessante de rearranjo, a efetivação momentânea de um território. Deleuze & Guattari (1995b) o denominam como “lados territoriais ou reterritorializados” indicando a faceta de constituição das formas (sejam de conteúdos ou expressão) no agenciamento, num sentido de *estabilização*. Não estados, mas novamente graus ou quantas do processo. Vislumbramos um território onde se finca uma atitude afirmativa: a criação fabulosa dos territórios, os estados de *Graça*.

Clarice esbarra diversas vezes durante sua escrita com tais estados. Principalmente (ou de forma mais exaltada) ela descreve os *Golpes* ou *Estados de Graça* em seus livros *A paixão segundo G.H.* (1998) e *Água viva* (1990). Dentro de constantes e explosivos processos de dessubjetivação de suas personagens, estas chegam a momentos descritos como *Graça*. Momentos duma completude descrita como fugidia, mas de grande placidez após o doloroso processo de mutação e o decorrer de imensos caminhos. Clarice fala pela boca de suas personagens como a *Graça* as toma. Não ápice ou mesmo chegada apaziguante onde afetivamente compreende-se um Todo ou restabelece-se equilíbrio. É muito mais uma costura corpórea e afirmativa momentânea, um erguer-se da nova forma, o nascimento de uma singularidade de pele brilhante, com peso, pulmões e um formigamento onde elas, as personagens, sentem a vida em sua felicidade. Uma conexão que as perpassa dando foco, consistência.

Ser vivo é um estágio muito alto, é alguma coisa que só agora alcancei. É um tal alto equilíbrio instável que sei que não vou poder ficar sabendo desse equilíbrio por muito tempo – a graça da paixão é curta. (LISPECTOR, 1998, p 171)

Tal graça clariceana nos parece de grande proximidade ao que Foucault descreve como obra de arte pessoal ou estética da existência. Estética por dizer da criação de modos de vida, a transformação das práticas pela afirmação de novos modos de ser e agir. Diz:

Trata-se antes de fazer aparecer de que modo, até hoje, os mecanismos sociais tinham funcionado, como as formas de repressão e de imposição tinham atuado e, a partir disso, me parece que se permitia que as pessoas tivessem a possibilidade de determinar, de fazer – sabendo tudo isso – a escolha de sua existência. (FOUCAULT, 2006, p 290)

Ao propor uma estética da existência, Foucault (2006) não aponta as orientações estoicas para funcionarem como transplantes das técnicas descritas (dietética, escrita de diários e cartas, dentre outras), mas como *atitude ética* do cuidado de si<sup>8</sup>. Quando ele diz escolha escutam os não um impossível distanciamento da dominação ou do exercício de poder. É no enfrentamento e no interesse por esse processo da criação do si que reside afinal a liberdade como *fazer*, como *prática* que se faz livre. Vemos, por tanto, uma liberdade que não se localiza em um sujeito e nas forças coercitivas e limitadoras de sua ação, mas sim como um campo de multideterminação, onde criar um si seria proceder nos interstícios de tais exercícios de poder, fazendo dos mecanismos sociais, pelo cuidado de si, práticas e afirmações mais potentes. É no criar da vida que se mesclam com grande força as dimensões macro e micropolítica, trançando linhas coletivas com amarras pontuais. Por isso afirmar também que a prática de liberdade deve ser buscada como intervenção nesse momento de criação de um modo de existência. Ao dizer sobre o corpo e as utopias, Foucault traz diversos tensionamentos em seu texto *O corpo utópico* (2009), mas aqui nos resvala uma partícula muito cara para nós, algo que toca a Graça clariceana:

Seria talvez necessário dizer também que fazer amor é sentir o corpo refluir sobre si, é existir, enfim, fora da utopia, com toda a densidade, entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir, contra os lábios do outro os nossos se tornam sensíveis, diante de *seus* olhos semicerrados, nosso rosto adquire uma certeza, existe um olhar, enfim, para ver nossas pálpebras fechadas. O amor, também ele, como o espelho e a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto

---

8 No trabalho de Foucault, o cuidado de si e a estética da existência são temáticas de grande complexidade e exploração para o autor. Surgem como interesse logo em a História da Sexualidade volume II e acaba perdurando durante toda a fase final da obra do autor, que se debruça numa desconstrução da não de sujeito e nas técnicas de si estoicas como possibilidades de interferir e dobrar os jogos de verdade e exercícios de poder tão trabalhados por ele em livros anteriores. A discussão não se esgota aqui, sendo campo aberto para investigação e articulações potentes do trabalho de Foucault.

fazer amor, é porque no amor o corpo está *aqui*. (FOUCAULT, 2009, pg.16)

Uma imanência atroz, sensível e plácida. Afastar as utopias e discursos sobre o corpo, sobre os modos de vida, é buscar certa alça de concretude que atice, enfim, as potências de cada singularidade, sempre em relação. Novamente Clarice, nova aproximação:

Agora – silêncio e leve espanto.  
Porque às cinco da madrugada de hoje, 25 de julho, caí em estado de graça.

Foi uma sensação súbita, mas suavíssima. A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo. Não sei explicar assim como não se sabe contar sobre a aurora a um cego. É indizível o que me aconteceu em forma de sentir: preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo. Era uma felicidade suprema. (...) O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe e existe o mundo. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão leve. É uma lucidez de quem não precisa mais adivinhar: sem esforço, sabe. Apenas isso: sabe. Não me pergunte o quê, porque só posso responder do mesmo modo: sabe-se. (LISPECTOR, 1990, p 92)

*Golpes de graça* que apaziguam momentaneamente o fluxo que nos constitui, deixando-nos restar como as vitórias-régias que bóiam mesmo no escuro do lago do Jardim Botânico do conto *Amor*. Fugazes momentos de singularização, onde se efetiva a criação e uma leve lentidão fresca e consistente nos envolve. Fugaz, mas de grande energia e efetivação.

A coragem de viver: deixo oculto o que precisa ser oculto e precisa irradiar-se em segredo.

Calo-me.

Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu, ensina-me sobre o segredo de cada um de nós. Não é segredo difamante. É apenas isso: segredo.

E não tem fórmulas. (LISPECTOR, 1990, p 70)

## **Singularidades em perene paixão**

*Enamorar*, perene, reinvenção do si, processo de composição coletiva do real. Eixo pendulante: uma queda em amor – um *fall in Love* –, e um refazer-se – *qual é a sua graça?* –, com suas faces de amor e graça em constante cambialidade e composição. Clarice e nossos autores nos põe a pulsar, firme e solta, nos abre o peito e nos da fresca

pele nova. Tudo se movimenta em enchente e vazante, somos onda, grão, carne, folha, gota e sangue. Deslumbre: enamoramentos.

Pensar a essa altura em poder de interferência ou efetividade seria falsa questão. Não pensamos em espalhar receitas novas de subjetividades combativas do contemporâneo, muito mais a exposição de tais escritos, de tais linhas de fuga afirmativas e afiadas para que chacoalhem aqueles que encontrar pelo caminho. Não pensamos nesse processo deveras recolhido para dimensões pessoais ou individuais como algo a se fazer mudo em tinta no papel. É a dimensão coletiva e interconectada que os modos de vida soerguem, agenciados, fazendo das composições possíveis amores e graças em choque. Pulsos e impulsos que transpassam as poses, as frases e os corpos.

Sinto agora mesmo o coração batendo desordenadamente dentro do peito. É a reivindicação porque nas últimas frases andei pensando somente à tona de mim. Então fundo da existência se manifesta para banhar e apagar os traços do pensamento. O mar apaga os traços das ondas na areia. Oh Deus, como estou sendo feliz. O que estraga a felicidade é o medo.

Fico com medo. Mas o coração bate. O amor inexplicável faz o coração bater mais depressa. A garantia única é que eu nasci. Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de te ser: eis os limites de minha possibilidade. (LISPECTOR, 1990, p 72)

Esse processo de confabulação aponta para um porvir (DELEUZE, 1997a), sempre se está a ir além. Traçar aí um possível é lançar-se, transformar-se, trair e seguir – não estancar ou capturar os fluxos. O contemporâneo e suas estratégias de afastamento e fragmentação nos interpenetram, mas lembremos que o movimento é coletivo. *Ser com*, para ser mais potente, como a simbiose apontada por Deleuze & Parnet (2004). Impulso da incurável ferida amorosa – a morte necessária para a perpetuação da vida afirmativa e enamorada – e pulso – fugidio, mas real – do artista que fabula em Estado de Graça. Pensar os processos de subjetivação em nosso contemporâneo ganha, então, pontos de mutação, respiros potentes que cavem aqui e ali algo para além dos fluxos de homogeneização. Pulso, tato, encontro e movimento. Clarice Lispector catalisando as transformações, injetando a criação e a fuga no mais íntimo da vida – o encontro e suas infinitas contaminações desejanter.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BHARTES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pal Pélbart. São Paulo, Ed. 34, 1997a.

\_\_\_\_\_. **A imanência: uma vida...** in: **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**. Tradução e organização de Jorge Vasconcelos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro; Ed. 34 (Coleção Trans), 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Cláudia Leão. São Paulo: Ed 34, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. 1227 – Tratado de nomadologia: A Máquina de Guerra. Tradução Peter Pal Pélbart e Janice Caiafa. São Paulo, Ed. 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução José Gabriel Cunha. Relógio D'água, 2004

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Vol. 5. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Aula de 17 de março de 1976. Pg 289. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo - Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2009.

FUGANTI, Luis. **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. : Linha de Fuga, 2008.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Laços de Família: contos. Amor**. 27ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

ROLNIK, Sueli. **A vida na berlinda**. Publicado in Cocco, Giuseppe (org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência* vida na Berlinda. Editora Griphus, RJ, 2002; pp.109-120 e in Trópico. Idéias de Norte a Sul. 25/07/2002

**SOBRE O AUTOR:**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense e atualmente doutorando em Psicologia Universidade Federal Fluminense com bolsa CAPES. Atualmente trabalha como professor de Psicologia pelo Centro Universitário São Camilo. Possui dois livros de literatura publicados em 2013 pela Ibis Libris Editora, Rio de Janeiro. Permanece trabalhando com literatura com algumas publicações a serem aditadas ainda, e sua dissertação de mestrado foi contemplada pelo Edital de Publicação da Editora da Universidade Federal Fluminense, com previsão de publicação integral em formato de livro em 2016.